

E a "Modernidade" chegou no Matadouro Público de Santa Cruz. 1870-1922.

Edite Moraes da Costa¹

Resumo: A freguesia de Santa Cruz, onde se localizava a sede da Imperial Fazenda de Santa Cruz, ao contrário da maioria das freguesias do subúrbio do Rio de Janeiro, que iniciaram a sua formação a partir da construção da linha férrea, teve a linha férrea, que veio até ela, devido a escolha da Fazenda para abrigar o novo Matadouro Público. Freqüentador assíduo das Exposições Universais, por ser interessado nas novas tecnologias e novos estudos de sua época, o Imperador Pedro II, a quem pertencia a Fazenda, teve uma grande contribuição para a chegada da modernidade em Santa Cruz. Tais tecnologias foram implementadas nos processos de produção do Matadouro Público, e no escoamento das carnes verdes para o comércio da Cidade do Rio de Janeiro. Inovações tecnológicas, também foram utilizadas, na construção e no efetivo funcionamento do novo Matadouro. com a finalidade de um melhor aproveitamento de matéria-prima, derivada do boi, para a indústrias, e também, para diminuir o esforço físico dos funcionários. O novos estudos sobre os miasmas exigiu, que novas técnicas de higiene e sanitárias, fossem introduzidas no sentido de prevenção de miasmas recorrentes das atividades no Matadouro.

Palavras-chaves: Modernidade; Matadouro; Economia.

Uma nova sociedade surgiu na Europa, na segunda metade do século XIX, oriunda do capitalismo industrial, que se afirmou, principalmente, com a chamada

¹¹ Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -PPGHR/UFRRJ e membro do Núcleo de Pesquisa propriedade e suas múltiplas dimensões - NUPEP.

segunda revolução industrial. Se presenciou uma nova organização social, no qual o homem dividia ao mesmo tempo um ambiente inovador que prometia poder, euforia, crescimento e transformação, mesmo que isso ameaçasse as estruturas vigentes. Analisado por Mattos como "um divisor de águas no campo dos saberes, inaugurando, assim, um período que protagonizou a produção do conhecimento".²

As cidades européias alteraram o seu ritmo, antes dirigido pelo sino dos mosteiros e agora atinado com a impessoal severidade do relógio, que disciplinava o tempo do trabalho nas fábricas, as trocas da guarda e dos turnos, e a todas as atividades inerentes à essa sociedade que se estabelecia. O entusiasmo pelo novo, esse sentimento que a Modernidade trouxe consigo, não podia permitir que o apego ou a lembrança (memória) pudesse limitar o re-ordenamento espacial, a abertura das ruas ou o fluir do tráfego na cidade que se redesenhava e na qual se almejava viver freneticamente. SILVA afirmou que

a ideia de modernidade surge, segundo Jacques Le Goff, *quando há um sentimento de ruptura com o passado*. Nesse sentido, um dos primeiros pensadores a utilizar a ideia de modernidade foi Charles Baudelaire, escritor francês da segunda metade do século XIX, autor de *As flores do mal*, que pensava a modernidade como as mudanças que iam se operando em seu presente, utilizando a palavra sobretudo para a observação dos costumes, da arte e da moda.³

Se as cidades foram a própria imagem da transformação, de acordo com MATTOS, a França oitocentista ofereceu subsídios para essa compreensão. À época da Revolução Francesa e do Primeiro Império, Paris tinha aproximadamente meio milhão de habitantes. Contudo, sob a Restauração, a população expandiu-se, abrigo em torno de um milhão de habitantes no Segundo Império, período de industrialização e de rápido crescimento econômico. O tempo da cidade moderna era o da descontinuidade e do desencontro, o da velocidade do tráfego que modificava a rotina; o do indivíduo

² MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. Artigo, s/d, s/e. Págs. 96-108. Acesso em 20/07/2018.

³ SILVA, Kalina Vanderlei. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo Contexto, 2009.

perdido no “espetáculo da modernidade”, que ressurgia consumido pelo “fetiche da mercadoria”.⁴

A modernidade chegou a Santa Cruz, a partir da década de 1870, quando iniciaram as obras para o novo Matadouro. Prometido como modelo para os demais do império, teve o seu projeto arquitetônico inspirado pelo o matadouro de Paris, o mais moderno da Europa. O seu regimento de funcionamento foi importado do matadouro de Lisboa, assim como, a quantidade de cargos, cálculo de salários e os impostos criados de acordo com as atividades. Finalizando o recorte temporal com a Semana de Arte Moderna em 1922.

Ao se pensar em um matadouro, rapidamente vem a idéia de carne para o consumo, dos detritos gerados, insalubridade e miasmas. Mas, na segunda metade do século XIX, além das carnes, se extraía variadas matérias primas para os avanços tecnológicos e científicos da época. Como dizia um ditado popular entre os frequentadores do Matadouro: "do boi só não se aproveita o berro!"⁵ Fábricas, manufaturas e indústrias tinham no boi a sua matéria prima.

O tanque onde se lançava o sangue, deveria ter um agitador automático, de modo de se evitar a coagulação, a qual tornaria o líquido impróprio para a refinação do açúcar, preparação do azul da Prússia, tinturarias, além da produção de carvão animal, morcelas e chouriços como alimentos, na produção de plasma usado na fabricação de embutidos e do soro para confeccionar vacinas. O sangue solúvel era desidratado e usado na fabricação de ração animal, na cola de madeira e outros serviços de indústria. O sebo, a camada de gordura, era utilizado para a fabricação de velas, sabão, sabonete, shampoo, cosméticos, fósforo, lápis e tintas. Os restos de comida encontrado no bucho (estômago) e as fezes das tripas eram aproveitados na fábrica de estrumes (adubos).⁶

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais: espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

⁵ FREITAS, Benedicto de. *História do Matadouro Municipal de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1950.

⁶ FREITAS, 1950.

Tudo do boi era utilizado, nada se desperdiçava, só o berro que não se aproveitava.⁷ Para total aproveitamento do boi, máquinas e tecnologias, foram desenvolvidas para tal. Essas inovações tecnológicas, em sua maioria apresentadas nas Exposições Universais, eram trazidas para o Brasil, ou "engenhocas" eram desenvolvidas baseadas nos modelos originais. "Como os vagões crematórios, um sistema belga, com ligeiras modificações feitas por Araujo Viana".⁸

Mas apesar de toda essa contribuição ao desenvolvimento industrial, antes da transferência para a Imperial Fazenda de Santa Cruz, as atividades do Matadouro no Campo de São Cristóvão, eram deveras insalubres e propícias a miasmas, que para os moradores, comerciantes ou chefes de Estado que chegavam a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império brasileiro, não era mais tolerado. Assim, debates na Câmara Municipal sobre a necessidade de se construir um novo prédio para abrigar o Matadouro Municipal, começaram a surgir na década de 1850. O contínuo crescimento populacional na cidade do Rio de Janeiro fez com que o Matadouro ficasse circundado por prédios residenciais, e tais moradores não mais aceitavam todos os incômodos que um Matadouro provocava, como o mau cheiro e insalubridade pertinentes ao seu funcionamento. Tal insalubridade era intrínseca e inevitável ao funcionamento de um Matadouro, por não haver neste período, um acondicionamento apropriado, tecnologias adequadas para a conservação da carne, descarte correto dos resíduos e muita umidade, o que provocava diversos miasmas. "Devido a estas questões, era necessário que o Matadouro ficasse próximo a praça de comércio, pois a carne verde deveria ser consumida em até 24 horas após o abate, pois o processo de putrefação se iniciava em seguida a esse período".⁹

Nos debates entre os vereadores da câmara Municipal do Rio de Janeiro, chegou-se a conclusão sobre como deveria ser o local ideal para se alocar um Matadouro, e elencaram as condições necessárias que tal local deveria oferecer.

⁷ Não se aproveitava no século XIX, pois em meados do século XX passou a ser gravado e usado em filmes e músicas. Grifo próprio.

⁸ FREITAS, 1950.

⁹ FREITAS, 1950.

As condições locais indispensáveis ao estabelecimento de matadouros, sem maior prejuízo da saúde pública, resumem-se no seguinte. 1º. Colocá-los o mais longe possível dos centros populosos, para que as emanções que possam desprender-se das matérias animais em decomposição, ou por desleixo nas condições de asseio, ou por outros motivos, não se tornem prejudiciais aos habitantes próximos. 2º. Fundá-los em lugar elevado e enxuto, a fim de facilitar o escoamento de resíduos e matérias impuras, que possam nele acumular-se por falta de nível suficiente a esse mister. 3º. Construí-los em lugar que tenha água em abundância para as necessidades do serviço e do gado, assim como bons pastos onde possa este descansar e refazer-se das perdas experimentadas em viagem; tornando-se uma das condições mais essenciais, pela influência natural que exerce sobre a saúde das rezes destinadas ao corte, e consequentemente sobre a boa ou má qualidade da carne entregue. 4º. Finalmente, circundá-los de grandes árvores para estabelecer uma boa à difusão dos miasmas que deles possam escapar para afetar a saúde das populações vizinhas.¹⁰

As condições para a localização do novo Matadouro, deixam claramente explícitas, a questão da limpeza urbana e o quanto um matadouro poderia contribuir para a aquisição de doenças, se houvesse moradores ao seu entorno. Assim como, as necessidades de total higiene e o plantio de árvores, para se evitar as miasmas.

Os fatores favoráveis à escolha da Fazenda de Santa Cruz foram: estar distante da cidade, ter recursos hídricos e pasto abundante. A distância do centro da cidade, que poderia ser um problema seria resolvida com a criação do ramal ferroviário de Santa Cruz.¹¹ Entendia-se que no Campo de São José havia espaço para acomodação e engorda do gado, a alternativa de trazê-los de trem ou de vapores e não haveriam moradores ao seu entorno para reclamarem da higiene e do mau cheiro. Sendo assim, o problema já estava solucionado. Pois que a maioria das reclamações da população era em torno da higiene e da saúde pública, devido aos grandes surtos de febre amarela que se passava na cidade do Rio de Janeiro, e área do Matadouro e seu entorno, eram propícias para a proliferação da febre amarela e de outros miasmas.¹²

A transferência seria, também, uma questão de ordem para a limpeza urbana e saúde da população. O crescimento populacional ao redor da residência oficial do

¹⁰ Ata da Câmara Municipal. 38ª Sessão, no dia 15 de dezembro de 1873. Acesso em 26/06/2016.

¹¹ AGCRJ. Relatório do ministro dos Negócios do Império". Matadouro Público. Anexo A, dezembro de 1872, códice (79-4-2), p. 1-7.

¹² Idem.

imperador e as constantes reuniões de Estado, não podiam ter como portão de entrada uma grande quantidade de urubus que ali se alimentavam das carniça, nem o cheiro fétido que emanava dos resíduos que corriam a céu aberto, nas valas que escoavam o esgoto do Matadouro. As questões sanitárias e de higiene, propícias a miasmas, oferecidas pelo funcionamento de um Matadouro, foram as principais para a transferência das atividades do Matadouro do Campo de São Cristóvão ao construído na Imperial Fazenda de Santa Cruz. Os moradores de São Cristóvão exigiam a pronta remoção do Matadouro de São Cristóvão, citado como imundo e vergonhoso estabelecimento público, que tantos escárnios tem provocado do estrangeiro que procurava visitar o bairro de São Cristóvão e o parque da Quinta Imperial. Ou seja, o Matadouro também incomodava a família imperial e suas visitas, pois ali era a moradia oficial da família.

Assim, tanto para as obras quanto para o efetivo funcionamento do novo Matadouro, foram trazidas da Europa e dos Estados Unidos, as novas tecnologias referentes aos maquinários e ferramentas. Em 18 de abril de 1877, por exemplo, os empresários das obras do novo Matadouro, receberam da Inglaterra, uma grande máquina da Blake, de quebrar pedras, para os calçamentos a macadame, nas obras do Matadouro. Foi a primeira máquina introduzida no Brasil para este fim. A inauguração do novo Matadouro público na Imperial Fazenda de Santa Cruz, trouxe uma relevante revitalização para a Imperial Fazenda de Santa Cruz.. A Estrada de Ferro D. Pedro II já havia recebido os 23 carros apropriados¹³ ao transporte de carnes verdes, que chegaram dos Estados Unidos, por navio, e foram destinados ao serviço do novo Matadouro, e estabelecido os regulamentos desse transporte com a Estrada de Ferro. O novo Matadouro foi construído sobre a denominada Vala do Itá, que na realidade era um rio, com no mínimo 8 metros de largura, e que nos meses das enchentes transbordava pelos campos adjacentes, elevando o nível das águas a cerca de 2 metros acima. Sr. Coimbra, engenheiro e dono da empreiteira contratada, projetou construir o Matadouro neste

¹³ O que causou um grande debate no clube de engenharia, pois os vagões não eram os corretos para o acondicionamento das carnes verdes, e seus membros cobraram uma resposta para tal erro dos engenheiros responsáveis pela compra. Citado em FREITAS, 1950.

local, transformando a referida Vala, em uma galeria coberta, semelhante a do L'Ourca do Matadouro de La Villette, em Paris.¹⁴

A primeira experiência de matança no novo Matadouro foi realizada no dia 14 de novembro de 1881. Tal experiência, foi assistida "por muitos vereadores, altas autoridades e convidados, vindos em trem especial".¹⁵ A inovação na matança foi a introdução do estylete, substituindo o machado, para se abater o gado. As machadadas, ainda praticadas no Matadouro de São Cristovão, eram consideradas como bárbaras. Conforme a definição de Freitas, o estylete,

[...] é uma espessa lâmina de aço em forma de losango, com 10 centímetros de comprimento, bem afiada na ponta. Preso firmemente a um longo cabo, bem forte, é manejado de altura conveniente e a salvo do animal visado. Este, uma vez em posição, recebe seu golpe mortal, que consiste em certa cutilada na região cervical. Esta operação, que requer habilidade e rapidez de ação, é uma das atrações do Matadouro, pela precisão absoluta com que é executada pelos homens encarregados desse mister, conhecidos comumente por "chopeiros".¹⁶

Tal procedimento foi substituído por choque elétrico, com a introdução da energia elétrica, acabando com a função dos chopeiros (funcionário encarregado de dar o golpe mortal no gado, na região cervical, com o estylete), dentro do novo Matadouro.

A introdução de novas tecnologia extinguiu ram algumas profissões, e vários operários perderam o emprego sem receber os honorários previsto por lei, gerando a necessidade de se criar a Sociedade Protetora dos Operários do Matadouro, para garantir a aposentadoria, tratamento de doenças, direito de greve e funeral.

Logo após a inauguração do novo Matadouro, houve chamada pública para a instalação do sistema de telefonia entre o Matadouro e o Paço Municipal, foi aprovada a proposta de Leon Rodde pelo preço de 7:456\$. Havia a necessidade de colocar os sarilhos da casa de matança, movidos a vapor e da construção de fornos para a cremação dos resíduos e fragmentos de matéria orgânica animal. Tinha-se urgência em substituir o sarilho¹⁷ pela mecanização elétrica, para se evitar os esforços desnecessários, que

¹⁴ A Rescisão do Contrato. Biblioteca Nacional.

¹⁵ FREITAS: 1950, p. 62.

¹⁶ *Idem*, p. 63.

¹⁷ Cilindro horizontal móvel, acionado por manivela ou motor, em que se enrolam cordas ou cabos de aço, para levantar grandes pesos.

esgotavam e aniquilavam os operários do Matadouro, por mais forte física e organicamente que ele fosse. Eram as constantes reclamações feitas, que mesmo sendo um Matadouro modelo, utilizava métodos antiquados no seu funcionamento. Além desses orçamentos, os engenheiros também apresentaram a necessidade de drenagem da área do Matadouro, que em período de maré alta ou temporais fortes, alagava, e apresentaram um estudo para criarem vagões crematórios, um sistema belga, com ligeiras modificações feitas por Araujo Viana.

Em sua obra, MATTOS analisa que o ímpeto tecnológico em Paris, que antes era como uma grande engrenagem, foi movido pelos trabalhadores, empenhados em ver concretizadas as promessas de empregos e de novos produtos para o consumo, apregoados pela transformação social, sobretudo pela industrialização, que também exigia outros equipamentos urbanos. "O aparecimento de fábricas, escolas, hospitais, estações de ferro, palacetes para a burguesia recém-enriquecida e casas para os operários, mercados e centros de lazer, traduziam os processos dos novos tempos".¹⁸

As Exposições Universais, ao apresentarem as novas tecnologias, buscavam transmitir ideias e valores baseados em princípios de solidariedade entre as nações, no progresso, na técnica e na razão. Donas de um caráter essencialmente industrial e comercial vendiam nas “vitrinas do progresso”¹⁹ novas possibilidades de máquinas e produtos; e mais do que isso, “o que se vendia era, sim, um gênero de vida, uma construção política e ideológica, visões de uma sociedade futura idealizada”.²⁰ Apoiadas na exibição desse modelo, essas exposições corroboraram com todo o potencial moderno que o sistema da fábrica disponibilizava. Atuando também como elemento de difusão de ideias e crenças pertinentes ao imaginário burguês, compondo uma importante ferramenta de exposição da imagem de realização e bem-estar que o capitalismo se propunha a oferecer. Essas indústrias para o Brasil, de acordo com CUNHA,

¹⁸ MATTOS, pág. 98.

¹⁹ MATTOS, Págs. 99.

²⁰ BARBUY, Heloísa. A exposição Universal de 1889 em Paris. São Paulo: Loyola, 1999. p. 40.

significava possuir uma ocupação útil; as lavouras de café e de cana-de-açúcar, por exemplo, eram consideradas *indústrias* importantes do país. Ou seja, a agricultura era designada como a *indústria* na colônia e Império. No âmbito da América Latina, as oligarquias agroexportadoras durante muito tempo construíram obstáculos ao processo de modernização em razão de seus interesses internos de dominação dos demais grupos sociais, apesar de ter sido essa mesma oligarquia que, no final do século XIX, se propôs a modernizar as cidades, os transportes, o urbanismo latino-americano.²¹

D. Pedro II, ao contrário dos demais chefes de Estado da América Latina, contribuiu para introdução dessas inovações tecnológicas no Brasil, e no Matadouro da Imperial Fazenda de Santa Cruz. Essas inovações tiveram por propósito melhoria no processo de trabalho dos operários, e em tudo o que se produzia, tendo como matéria-prima a res bovina, oriunda do Matadouro Público de Santa Cruz.

A celebração do progresso numa extensão capitalista, em que a própria metodologia assumia o caráter de mercadoria, aparentava ser melhor do que realmente era. As relações intrínsecas ao trabalho do homem se transformou na sua alienação com o trabalho e a necessidade de impor-se através dele. Vista dessa forma, a máquina apresentava-se como solução enquanto tragava o trabalhador; acolchoada sob a face facilitadora do progresso, prometia bem-estar e sucesso a todos que se dedicassem a ela. Mesmo declinando a força do trabalho do homem, confiava no seu potencial redentor pelo trabalho disciplinado e que possibilitava alcançar o sucesso.

Nesse contexto, a máquina representava, portanto, o símbolo da inovação e da ruptura, responsável, também, pelas mudanças materiais, sociais e mentais da época. É, pois, no sistema da fábrica que encontramos a essência das transformações sociais, políticas e ideológicas, cuja alma teve assento no significado da Modernidade. Sob esse aspecto dialético da vivência da Modernidade, “ ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição, é fazer parte de um universo, no qual, como disse Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar”.²²

²¹ SILVA, Kalina Vanderlei. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo Contexto, 2009.

²²BERMANN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15.

A conjuntura de modernidade para o Brasil, em relação ao estudo das teorias e as percepções higienistas, esteve presente junto ao corpo de médicos e engenheiros, a partir do início do século XIX até meados do século XX, e passou a verificar a repercussão das mesmas na construção de edifícios públicos, mercados e matadouros.

A partir da segunda metade do século XIX, a construção de matadouros e mercados passaram a ser administrados pelas municipalidades da Província. Estes edifícios estavam ligados à produção alimentícia e a circulação das mercadorias. Os mesmos passaram a ser construídos em locais afastados do centro urbano, para assim, atenderem aos princípios higienistas.²³

Os surtos epidêmicos que acometiam as cidades européias também se manifestaram no Brasil com a chegada da cólera através de navios vindos da Europa na década de 1850 e fez com que o Governo Imperial passasse a obrigar as câmaras municipais a adotarem em suas posturas determinações sanitárias, previstas na legislação imperial de 1828, sendo estas fundamentadas na teoria higienista que em grande parte atribuía ao veneno presente no ambiente a causa das diversas epidemias. "A partir de então, as políticas higienistas que em grande parte possuíam na teoria miasmática suas bases, passaram a explicar o controle das administrações públicas na comercialização dos gêneros alimentícios nas cidades".²⁴ As Câmaras Municipais passam a ser as responsáveis pela construção e administração dos matadouros e mercados, da qual, a partir daí, os mesmos passaram a ser públicos, não mais particulares.

O movimento higienista, organizou-se como poder político, por acreditar que somente a partir dessa esfera de atuação e conhecimento poderia impor as medidas sociais que julgavam serem necessárias. O médico não era apenas alguém que detinha conhecimentos, mas também, quem intervinha no espaço, por meio das políticas territoriais restritivas que ajudou a formular.

Operando sobre todo o espaço, a Medicina Social decompôs o todo urbano tratando-o como um sistema de contato

²³ MURILHA, Douglas. O Higienismo e a construção dos matadouros e mercados públicos. 2011. 292 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011.

²⁴ Idem.

desordenado entre os elementos que nele circulam; sua estratégia era a de produzir uma comunicação harmoniosa entre os elementos naturais e sociais em conjunto com os interesses hegemônicos. O comprometimento da saúde moral e física dos indivíduos tornava-se uma ameaça ao Estado. Era necessário ordenar e planejar a cidade para proteger o homem dele mesmo.²⁵

Para Machado, as transformações espaciais e sociais, propostas pelos higienistas, iam além da preocupação de melhorar as condições de salubridade da cidade. Suas ações buscavam também criar espaços de circulação diferenciados, demanda da nova ordem social que se desenvolvia. No final do século XIX, a cidade era movida por duas lógicas distintas: de um lado a capitalista, latente e crescente, de outro, a escravista, considerada arcaica e decadente. O que assistimos foi uma completa transformação da cidade que teve no higienismo sua força idealizadora e a atuação do Estado e do setor privado realizando as transformações propostas.

Nesse momento, Machado aponta que foram lançados no espaço elementos que possibilitaram um crescimento, qualitativamente, diferente da cidade. Durante todo o século XIX, o higienismo brasileiro esteve muito influenciado pela teoria dos miasmas.

Esta teoria defendia que a inalação e o contato com o ar proveniente da putrefação de cadáveres e da matéria pútrida dos lixos, pântanos, mangues, matadouros, chiqueiros, curtumes, esgotos, entre outros, eram os grandes responsáveis pelas doenças nas cidades. Para os higienistas a temperatura, a humidade e o estado de repouso da atmosfera, e o regimen das chuvas, constituem os factores comuns, dos quais resulta igualmente a intensidade ou benignidade das manifestações endêmicas nos lugares insalubres.²⁶

Desse modo, Machado afirma que unindo no mesmo espaço todos os elementos insalubres, o Rio de Janeiro do século XIX era a personificação da insalubridade. A presença de inúmeros pântanos foi considerada seu principal problema. Essas áreas tinham substâncias animais e vegetais em dissolução, o clima quente provocava rápida putrefação desse material dando origem a gases nocivos a saúde humana. Não podemos

²⁵ MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas conseqüências espaciais. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

²⁶ Idem.

esquecer que até o século XIX a cidade esteve instalada no morro do Castelo e a expansão da cidade só foi possível após a conquista desses terrenos alagados.

Esses terrenos alagados têm sua origem a partir de aterros efetuados por obras realizadas pelas autoridades e também do lixo. Até 1860, nos centros urbanos brasileiros, não havia uma separação entre lixo e imundícies. Para Machado ambos eram tratados da mesma forma. Esse material era depositado em barris que ficam no interior das casas até ficarem cheios e serem transportados por escravos e atirados ao mar, ou nos rios ou em terrenos alagados. Esses espaços eram vazadouros “naturais” de lixo e excrementos, que deixava a cidade completamente suja. Mesmo com a criação de pontes que serviam para jogar os dejetos no mar além da arrebentação as pessoas continuaram a jogar os dejetos em qualquer parte.²⁷

Na análise de Machado o discurso higienista teve grande influencia na modificação dessa situação. A década de 1860 foi de grandes modificações e de um novo período na história do saneamento da cidade do Rio Janeiro. Com a eclosão de constantes epidemias desde 1850 a Câmara Municipal já discutia a necessidade de criar um local distante da cidade para receber o lixo. Então a Câmara designou o vereador e médico José Pereira Rego para indicar qual seria o melhor lugar para a criação de um depósito de lixo. A solução indicada pelo vereador foi criar um depósito de lixo na Ilha de Sapucaia, localizada na Baía de Guanabara, lugar afastado do aglomerado urbano.

Desse período até os dias atuais, o lixo da cidade passou a ser despejado nos subúrbios e periferias da cidade, transferindo os problemas do despejo do lixo da área central para as regiões populares periféricas, desaparecendo com o problema das vistas da burguesia.²⁸

Outro passo importante citado por Machado foi a criação de um sistema de esgotamento sanitário. Em 1864, o governo Imperial concedeu a empresa *The Rio de Janeiro City Improvements Company Ltda*, o monopólio de exploração da rede básica de esgoto. A companhia começou sua atuação na Área Central e os serviços cresceram rapidamente. Em 1890 mais de 60% dos prédios da cidade, inclusive os subúrbios próximo da Central do Brasil, já estavam conectados à rede de esgoto.

²⁷ O que concluímos que não houve mudança para os dias atuais, infelizmente.

²⁸ Idem.

Essa empresa havia de fato conectado grande parte da cidade a rede de esgoto, mas seus serviços deixavam muito a desejar apresentando inúmeros problemas e sendo constantemente criticada pelos higienistas. Os encanamentos eram de má qualidade e devido ao calor ocorriam rompimentos, provocando a contaminação do solo, das águas e do interior das casas. Todo o material coletado era despejado nos rios da cidade que continuavam exalando mau cheiro e contribuindo para o aparecimento de vetores.²⁹

Além da qualidade duvidosa dos serviços, a população era atendida de maneira preconceituosa, pois os serviços prestados a população pobre eram precários e as latrinas instaladas em suas residências eram de qualidade inferior, se comparadas às aquelas instaladas nas residências das classes abastadas.

As principais transformações tecnológicas, que ocorreram no final do século XIX e no início do século XX, e utilizadas no Matadouro Público de Santa Cruz, visto que as aludidas transformações ocorridas no âmbito de determinados padrões técnicos e econômicos na Europa, não têm a igualdade significativa no Brasil. Na teoria dos *Business cycles* de Schumpeter,³⁰ essas inovações tecnológicas estão relacionadas com a dinâmica do crescimento econômico. O autor defende a existência de uma relativa periodicidade nas variações de certos fatos econômicos, variações essas que ele denomina de ciclos. Ele argumenta que os ciclos econômicos são inquietações do sistema econômico, por longos períodos, relativamente a um estado de equilíbrio. Para tal, defendeu que o desenvolvimento econômico resultava de três categorias de fatores: "os fatores externos, os fatores de crescimento gradual e as inovações, sendo estas o fator dominante para a evolução econômica".³¹ De acordo com Schumpeter,

os ciclos longos são caracterizados pela confluência ou agregação de inovações que desencadeiam a fase inicial de prosperidade. Essa fase de prosperidade é caracterizada por uma série de projetos inovadores, seguida de uma expansão econômica marcada pelo aumento de crédito e investimento, de receitas e de empregos. Porém, à medida que as tecnologias adotadas são incorporadas ao sistema produtivo, o investimento

²⁹ Idem.

³⁰ SCHUMPETER, J. A. *Business cycles*. New York: McGraw-Hill Book, 1939.

³¹ Idem.

vai abrandando e a economia vai caminhando para um processo de acomodação, dando início à fase de recessão. Essa fase, que atua de um modo contínuo e crescente, conduz à depressão, que por sua vez perdura enquanto houver investimento mal-sucedido e capacidade de oferta excessiva em face do nível da procura. Quando recomeça o estado de equilíbrio, inicia o chamado período de recuperação, marcado por investimentos em pesquisa e desenvolvimento, o que faz ressurgir uma nova era de inovações.³²

Para Schumpeter cada ciclo tem uma identidade própria, não se tratando, portanto, de um processo repetitivo. E que a adoção de inovações por parte de um empreendedor, faz com que os passos deste sejam seguidos por outros, o que conduzirá a uma série de projetos inovadores. Perez³³ afirma que estes desenvolvimentos dependem de um ambiente social, político e institucional favorável. Podemos observar que existe uma forte inter-relação entre crescimento e desenvolvimento econômico, inovação tecnológica e aparato institucional, conceitos que não podem ser compreendidos isoladamente.

Os *key factors* compartilhados por Schumpeter e Perez foram acompanhados por um novo sistema de patentes, como apontado por Malavota³⁴, inaugurado pela Inglaterra, que progressivamente consolidava os "conceitos e valores liberais, partindo da crescente oposição aos monopólios, da acumulação do progresso técnico, do surgimento da sociedade industrial e da economia de mercado".³⁵ O código de patentes que ali vigoravam, foi subjulgado a reconceituações e rearranjos, com a invasão de uma série de intensas transformações na estrutura socioeconômica inglesa. Malavota, baseado em Hobsbawm e Landes, afirmou que

a Grã-Bretanha setecentista assistiu a eclosão de um processo de transição de uma estrutura econômica fundamentalmente rural, agrária e tecnicamente rudimentar para outra sob novos moldes, calcada na atividade industrial, na urbanização e em ritmo

³² Idem.

³³ PEREZ, C. Microelectronics, long waves and world structural change: new perspectives for developing countries. World Development, Londres, v.13, n.3, p.441-463, 1985.

³⁴ MALAVOTA, Leandro M. A construção do sistema de patentes no Brasil: um olhar histórico. Rio de Janeiro Lumen Juris, 2011.

³⁵ Idem. Pág. 16.

acelerado de desenvolvimento tecnológico. Uma progressiva substituição da habilidade humana pela máquina e a utilização de fontes inertes de energia suscitaram em exponencial crescimento da produtividade, permitindo-se a geração de bens em larga escala e a diminuição dos custos da produção.³⁶

Os lucros altamente positivos foram a recompensa dos investimentos nessas inovações. Para Malavota, as patentes proporcionavam uma importante ferramenta para garantir altas taxas de lucro, pois o seu domínio, representava o comando nessa nova economia em construção e sobre os resultados do progresso técnico. O empresariado industrial pressionava para que houvessem reformas, segundo eles modernizadoras, na estrutura de proteção das patentes, "sempre visando ao reforço e alargamento das prerrogativas desfrutadas pelos inventores de novas máquinas e processos de produção".³⁷ Com base em Dutton, o autor afirma não ser casual tal interesse, pois quem detinha a patente tinha significativas vantagens e possibilidades de obter ganhos incalculáveis, beneficiando a sua aptidão de acumulação de capital. "Se a lógica do modo de produção em construção repousava na concentração dos meios de produção nas mãos da classe empresarial, as patentes podiam funcionar como instrumentos para a facilitação e sustentação desse processo".³⁸

Por ser a Imperial Fazenda de Santa Cruz uma propriedade particular da família imperial, e suas terras decretadas em enfiteuse perpétua, era administrada por superintendentes indicados pelo imperador. A direção do novo Matadouro, sob a responsabilidade da Câmara Municipal e que tinha uma pasta exclusivamente dedicada a administração e funcionamento do mesmo, era indicada pelo presidente da Câmara, assim como os médicos e veterinários. A classe política de Santa Cruz e os seus representantes no Legislativo Federal foi formada justamente por esses homens indicados para tais cargos. A atuação de D. Pedro II, para a introdução de tecnologias na Fazenda de Santa Cruz, foi fundamental para o desenvolvimento das formas de produção e de distribuição do que era produzido pelo Matadouro. Essas inovações contribuíram para melhorar as condições de trabalho dos operários e as questões

³⁶ Idem.

³⁷ MALAVOTA, 2011. Pág. 17.

³⁸ Idem.

sanitárias no em torno do Matadouro, mas, por demandas desses agentes políticos, e não meramente por benevolência dos altos estratos sociais.

A escassez de bibliografias sobre a Fazenda de Santa Cruz se contrapõe a imensa quantidade de fontes documentais nos arquivos brasileiros e de Portugal. De tal Fazenda, se originaram mais de 15 municípios do atual estado do Rio de Janeiro³⁹, devido a sua grande extensão territorial e importância econômica no abastecimento interno brasileiro. Dilapidada durante o final do século XVIII e início do XIX, por doações do rei de Portugal, e por seus administradores, levou Dom Pedro I, em 1824, a decretar enfiteuse perpétua das terras que ainda restavam da Fazenda. Tais terras, se referem a uma região do Rio de Janeiro, com diferentes configurações sócio-econômicas. A Fazenda ao abrigar o novo Matadouro Público, foi palco para a limpeza urbana, promovida pelas novas políticas sanitaristas e de higiene relacionadas a modernização da cidade do Rio de Janeiro.⁴⁰

Bibliografia citada:

BARBUY, Heloísa. A exposição Universal de 1889 em Paris. São Paulo: Loyola, 1999.

BERMANN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

³⁹ Esta informação foi obtida através da comparação entre o mapa apresentado por FRIDMAN e o mapa atual da GeoRio.

⁴⁰ Fundada em 1569, a Fazenda de Santa Cruz era a maior propriedade da Ordem dos Jesuítas no Brasil e de grande importância para o abastecimento interno, principalmente, para a cidade do Rio de Janeiro.. Com o Decreto de Marquês de Pombal, que expulsou os Jesuítas do Brasil, a referida Fazenda passa a ser propriedade particular da família Real e depois, Imperial.

CUNHA, Eduardo de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Dicionario de synonymos. Rio de Janeiro. Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp, 1859.

FREITAS, Benedicto de. *História do Matadouro Municipal de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1950.

MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. Artigo, s/d, s/e. Págs. 96-108. Acesso em 20/07/2018.

MALAVOTA, Leandro M. A construção do sistema de patentes no Brasil: um olhar histórico. Rio de Janeiro Lumen Juris, 2011.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo Contexto, 2009.

PEREZ, C. Microelectronics, long waves and world structural change: new perspectives for developing countries. World Development, Londres, v.13, n.3, p.441-463, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Exposições universais: espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal da Filadélfia de 1876. Anais do Museu Paulista, São Paulo. n. ser. v. 2, p. 151-167 jan. / dez. 1994.